

REFLEXÃO SOBRE A COOPERAÇÃO DE PORTUGAL COM A REPÚBLICA POPULAR DA CHINA NOS AMBIENTES DA UNIÃO EUROPEIA, DO SUL GLOBAL, DO BRASIL E TAMBÉM DE ÁFRICA

PINTO RAMALHO. General, Presidente da Associação Multisecular de Amizade Portugal-China, ex-Chefe do Estado-Maior do Exército, foi Adjunto do Ministro da Defesa Nacional para as Relações Externas de Defesa, é diretor da Revista Militar

Resumo (Layout)

O Tema - a Cooperação de Portugal com a República Popular da China nos ambientes da União Europeia, do Sul Global, do Brasil e também de África.

Sobre esta matéria, gostaria de salientar dois aspetos que me parecem deverem ser enquadrantes desta reflexão...

O que se alterou foi a eleição de um novo Presidente dos Estados Unidos, que claramente afirma que o seu objetivo - daquilo que é conhecido na sua política externa - está virado para o Indo-Pacífico.

O aspeto que é constante - que não se alterou - é o objetivo da China para 2049 - quando se celebra o centésimo aniversário do Partido Comunista Chinês - de concretizar aquilo que o Presidente Xi Jinping referiu como “a criação de uma nova era para a República Popular da China, uma nação rica e forte”.

Para isso foram indicados três grandes objetivos que se propõe atingir: O grande renascimento da Nação Chinesa; constituir-se como a primeira potência económica do ponto de vista global; dispor de uma força militar que seja considerada de World Class.

主题：葡萄牙在欧盟、全球南方、巴西及非洲背景下与中华人民共和国的合作。

关于这一议题，我想强调两个我认为应纳入本次思考框架的关键.....

最新变化在于美国新任总统的上台，他明确表示其外交政策的重点目标转向印太地区。

不变的是中国在2049年——即中国共产党成立一百周年之际——实现习近平主席所提到的“开创中华人民共和国的新时代，建设富强国家”的目标。

为实现这个目标，中国确立了三大重点战略：实现中华民族的伟大复兴，成为全球第一大经济体，与打造世界一流军队。

Na impossibilidade de estar presente na V Conferência Internacional de Cooperação Portugal - China, agradeço o convite para apresentar, à distância, algumas reflexões sobre o Tema - a Cooperação de Portugal com a República Popular da China nos ambientes da União Europeia, do Sul Global, do Brasil e também de África.

Sobre esta matéria, gostaria de salientar dois aspetos que me parecem deverem ser enquadrantes desta reflexão.

Primeiro, olharmos para a conjuntura estratégica internacional e pensarmos naquilo que é novo e naquilo que é constante ou pelo menos assim se mantém no nosso horizonte mais próximo. O que se alterou foi a eleição de um novo Presidente dos Estados Unidos, que claramente afirma que o seu objetivo - daquilo que é conhecido na sua política externa - está virado para o Indo-Pacífico, para as preocupações que tem com a República Popular da China designadamente no âmbito económico e, também de certo modo, naquilo que se refere à segurança do daquela região.

Nesta matéria, é importante termos em atenção o que nos Estados Unidos, vai sendo dito e aquilo que vai sendo referido pelos elementos que estão à volta do Presidente Trump; há uma preocupação permanente sobre aquilo que poderão ser os “hotspots” da região, designadamente uma potencial instabilidade na Península da Coreia e também o problema do Taiwan.

Nesta reflexão é claro para os europeus que, para os EUA, a situação da Ucrânia e a situação do Médio Oriente são distrações estratégicas, digamos assim, daquilo que é o objetivo principal e, portanto, há alguns aspetos que vamos ter de ter em atenção, designadamente ao nível europeu.

O aspeto que é constante - que não se alterou - é o objetivo da China para 2049 - quando se celebra o centésimo aniversário do Partido Comunista Chinês - de concretizar aquilo que o Presidente Xi Jinping referiu como “a criação de uma nova era para a República Popular da China, uma nação rica e forte”.

Para isso foram indicados três grandes objetivos que se propõe atingir: O grande renascimento da Nação Chinesa; constituir-se como a primeira potência económica do ponto de vista global; dispor de uma força militar que seja considerada de *World Class*.

É claro que estes três objetivos têm já hoje instrumentos muito concretos no terreno, que temos vindo a acompanhar. Alguns deles prendem-se com o objetivo da cooperação e com o objetivo da afirmação económica - estou a referir-me à iniciativa *One Belt and One Road* e tudo aquilo a que lhe está associado no domínio da sua afirmação, não só do ponto de vista económico, mas também do ponto de vista político.

Do ponto de vista económico, o dinamismo que se está a verificar a nível dos BRICS: esses instrumentos económicos já existem, designadamente, o Banco do Desenvolvimento (BRICS

2009) e o Banco Asiático de Investimento de Infraestruturas (2014) mas também, a Organização de Cooperação de Xangai (2020) que são realmente instrumentos do ponto de vista político e económico que contribuem e materializam a intenção da República Popular da China no sentido da sua afirmação política e económica em termos globais.

É uma política externa assente na cooperação económica, no âmbito do desenvolvimento de infraestruturas, de cooperação industrial, dentro de um conceito “Win-Win” e de uma diplomacia dirigida às populações (People to people diplomacy), tendo como objetivos declarados o primado do desenvolvimento, a partilha de infraestruturas e ser um fator de progresso da globalização e da Paz, quer em termos regionais, quer internacionais.

Do ponto de vista militar, estamos igualmente a assistir a um processo de afirmação, ligado à modernização e ao investimento que tem duas etapas de desenvolvimento:

Uma primeira etapa e de afirmação até 2035, onde há uma aposta na modernização e de ampliação da capacidade militar, para atingir em 2049, o tal estatuto de *World Class*. Essas alterações estão a verificar-se do ponto de vista da inovação, que resultam também daquilo que é a afirmação económica e tecnológica da República Popular da China. A afirmação no domínio das tecnologias da informação, da inteligência artificial, dos motores de elevada capacidade, de tudo aquilo a que temos vindo a assistir e que tem correspondência naquilo que é o desenvolvimento do seu instrumento militar, seja nos aspetos convencionais, seja nos aspetos nucleares.

A segunda etapa, tem um carácter permanente e está ligada a uma ação continuada de concretização de capacidades tecnológicas, no quadro da industria de defesa, o que nos leva a assistir da parte da China a um grande avanço do ponto de vista tecnológico naquilo que são as tecnologias das hipervelocidades, da computação quântica, da inteligência artificial, da Internet IOT, das nanotecnologias, materiais compósitos, micro processadores, “*fuel cells*”, mas também ao dinamismo da sua Força Aérea e também da sua Marinha.

Temos neste momento, mais de 70% dos meios navais chineses produzidos já posteriormente a 2010, cerca de noventa submarinos nos últimos cinco anos e uma média de construção de aeronaves, de diversos tipos, da ordem da centena por ano.

Temos assistido também à construção de Porta-Aviões, nesta data o terceiro está em testes de mar, o objetivo declarado é atingir 5 em 2030, tendo como meta final, um efetivo de 6 a 10. Ainda no quadro da defesa prosseguem a I/D relativa aos motores de avião de última geração, Drones, deteção de meios hipersónicos, “*space base systems*”, robótica avançada e sistemas autónomos.

A modernização decorre também no domínio das capacidades nucleares, estando em curso o aumento do número de ogivas nucleares, que passará das actuais 200 para um número ainda não estabilizado, entre 1000 e 1300 até 2026, conforme foi transmitido aos membros permanente do CS/ONU.

Estes são aspetos que penso que devem ser ponderados, na medida daquilo que é constante e daquilo que são alterações conjunturais. Portugal, face à sua dimensão estratégica, deve ter capacidade para perspetivar a mudança, porque somos um país que temos uma relação multissecular com a República Popular da China. Mas estamos inseridos na NATO e na União Europeia e, portanto, toda a evolução das relações da China com a UE e com os EUA, assim como todas as transformações que vierem a ocorrer do ponto de vista económico e da segurança, na conjuntura internacional, dizem-nos respeito, pelo que temos de estar atentos

e saber qual o posicionamento mais correto que devemos assumir, em qualquer momento e circunstância

É um desafio que se nos coloca, algo que penso que vai certamente ser debatido nesta conferência e, nesse sentido, de uma forma modesta, gostaria de deixar esta reflexão que são preocupações minhas e que partilho convosco, no sentido de eventualmente poderem ser acompanhadas e ponderadas no debate e no decurso da conferência, designadamente neste segundo painel.

Muito Obrigado.